

**PASSEIOZINHO COM PAGU  
E OUTRAS VIAGENS POÉTICAS**

---

INÊS S. MAFRA (UFSC)

---

"Eu sempre sonho que uma coisa gera,  
nunca nada está morto.  
O que não parece vivo, aduba.  
O que parece estático, espera."

(Adélia Prado, Leitura)

..."É curioso que **nenhuma** mulher tenha  
produzido poesia modernista - irreve-  
rente, mesclada, questionada, imper-  
feita como não se deve ser..."

(Ana Cristina Cesar)

### I - Mistério e Curiosidade

A leitura de "Literatura e Mulher: Essa Palavra de Luxo", ensaio brilhante de Ana Cristina Cesar, provocou - além de admiração e prazer pelo texto habilmente construído - uma inquietação bem grande. O que mais me intrigou foi uma afirmação feita em nome de uma brasilianista Sylvia Riverrun: "É curioso que nenhuma mulher tenha produzido poesia modernista..."<sup>1</sup>

É curioso que Sylvia (ou, Ana?) não conheça a obra poética de Pagu, eu não conseguia deixar de pensar. Ou, se a conhece, por

que não a considera modernista? Ou, ainda, caso a reconhecesse como modernista, por que não a considera digna de nota?

Perguntas, inquietação. Inquietação que me levou a outras leituras e releituras. Além de provocar novas reflexões. O ensaio de Ana Cristina foi publicado em 1979. Por estes anos, até nas universidades, era bem comum, ao se tratar do movimento modernista brasileiro, na referência aos escritores, a citação dos nomes de Oswald e Mário de Andrade e, quase nunca, se falava de uma escritora mulher chamada Patrícia Galvão.

## II - Palavras de um Poeta

quem resgatará pagu?  
patrícia galvão (1910-1962)  
que quase não consta das histórias literárias  
e das pomposas enciclopédias provincianas  
uma sombra cai sobre a vida  
dessa grande mulher  
talvez a primeira mulher nova do brasil  
da safra deste século  
na linhagem de artistas revolucionárias  
como anita malfatti e tarsila  
mas mais revolucionária  
como mulher<sup>2</sup>

## III - Luzes para Pagu

Saberia Sylvia/Ana dos poemas de Pagu, ou não? Algumas coisas precisam ser lembradas. Uma delas é que Patrícia Galvão publicou diversos textos com pseudônimos. O poema belíssimo "Natureza Morta" foi publicado sob o nome de Solange Sohl. Outra coisa: seus poemas, quase sempre, só eram publicados em jornal. Enfim, fatores diversos combinados, dificultaram a divulgação da sua obra principalmente entre os escritores jovens das gerações seguintes. Em 1982, Augusto de Campos publica "Pagu Vida-Obra", livro importantíssimo que reúne diversos

textos da escritora, além de ensaios sobre sua obra, trazendo à luz esta figura fascinante de mulher, esta escritora da aventura. Mais tarde, a vida-obra instigante de Pagu provoca nova ousadia. O cinema brasileiro rende-lhe homenagem. Norma Bengell realiza um projeto ambicioso: filmar a vida desta grande mulher escondida na sombra durante tanto tempo. Luzes para Pagu!

## VI - Via da Paixão (Estações de Pagu)

PRIMAVERA/VERÃO (Pagu com 19 anos)

1 - no meu quintal tem uma laranjeira  
aquella mesma  
onde brincamos na noite de Natal  
no meu quintal tem um pecegueiro  
com flores cõr de rosa  
onde chupei-te a bocca  
pensando que era fruta.

no gallinheiro tem oito gallinhas,  
um pato, um ganso e um pinto.

no gallinheiro fiz um arranha-céo  
com latas de gazolina.

E fiz com pãos de vassoura  
estacas para os cravos.

meu quintal é uma cidade!...

De frangos, postes, luz e arranha-céo.

E para symbolizar o seu progresso,  
desafiando triumphal,

tem a bandeira de uma calça rendada no varal.<sup>3</sup>

2 - natureza diabólica

calor infernal

cores sadias

tabõas.musgos.lodos.

soltava papagaios e voltava pra casa sem baton.<sup>4</sup>

3 - a minha gata é safada e corriqueira  
arremeda "picassol"  
trepa na trave do galinheiro e preguiçosamente escancara  
a boca e as pernas.  
a minha gata é vampira...  
mimo de um italino velho e apaixonado. general  
de brigada. dois metros de altura. pelado e  
sentimental. atavismo.  
o luxo da minha gata é o rabo  
ela pensa que é serpente...<sup>5</sup>

O modernismo salta aos olhos, me parece, aqui. Poemas primaverais. Recendendo a sol, a alegria. O tom é brincalhão, não há ressentimento, nem amargura. Trazem um cheiro bom da Infância. Adolescência sem culpa. Saudável malícia e sensualidade juvenil. A dicção não é nobre. Não há pudor. A voz que fala se caracteriza pela irreverência, tal como a gata "safada e corriqueira". Assim se expressou Pagu em seu álbum, o que por si só já é uma prova de que ela não era uma escritora bem comportada. O álbum de pagu, diz Augusto de Campos, pelo seu estilo e pelo seu teor de antifábula desmi(s)tificante começando pela paródia iracêmica (além... muito além do martinnelli...) pode ser colocado sem esforço e com relevo entre os documentos antropofágicos.<sup>6</sup>

Adiante, Augusto nos diz, a nossa pobre literatura tão fechada e tão chata não pode se dar ao luxo de ignorar coisas como essa com gosto de invenção e de liberdade.<sup>7</sup>

OUTONO/INVERNO (19 anos depois)

Aos 38 anos, Pagu/Solange Sohl escreve: **Natureza Morta**

1 - Os livros são dorsos de estantes distantes quebradas.  
Estou dependurada na parede feita um quadro.  
Ninguém me segurou pelos cabelos.  
Puseram um prego em meu coração para que eu não me mova  
Espetaram, hein? a ave na parede

Mas conservaram os meus olhos  
É verdade que eles estão parados.  
Como os meus dedos, na mesma frase.  
As letras que eu poderia escrever  
Espicharam-se em coágulos azuis.  
Que monótono o mar!

Os meus pés não dão mais um passo.  
O meu sangue chorando  
As crianças gritando,  
Os homens morrendo  
O tempo andando  
As luzes fulgindo,  
As casas subindo,  
O dinheiro circulando,  
O dinheiro caindo,  
Os namorados passando, passeando,  
Os ventres estourando  
O lixo aumentando,  
Que monótono o mar!

Procurei acender de novo o cigarro.  
Por que o poeta não morre?  
Por que o coração engorda?  
Por que as crianças crescem?  
Por que este mar idiota não cobre o telhado das casas?  
Por que existem telhados e avenidas?  
Por que se escrevem cartas e existe o jornal?  
Que monótono o mar!

Estou espichada na tela como um monte de frutas apodrecendo.  
Si eu ainda tivesse unhas  
Enterraria os meus dedos nesse espaço branco  
Vertem os meus olhos uma fumaça salgada  
Este mar, este mar não escorre por minhas faces.  
Estou com tanto frio, e não tenho ninguém...  
Nem a presença dos corvos.

Solange Sohl

(Diário de São Paulo, 15/08/1948)

- 2 - "Natureza Morta" parece mesmo extraída do Outono. Desta estação que não se caracteriza apenas pela queda das folhas, mas também pelo declínio das forças vitais de todos os seres, incluindo o homem. No outono, o vento soa também de maneira diferente e nele pode-se surpreender, por vezes, o murmúrio da própria morte.<sup>8</sup>

Mas, também, poderia surgir do Inverno (continuação/intensificação do outono), estação do frio; não só do frio que enregelada os animais, mas também o frio de cujo significado profundo e interior nos apercebemos apenas em raros momentos de medo ou de **solidão**. A poesia do inverno é sobretudo a poesia da imobilidade e do silêncio.<sup>9</sup>

O poema "Natureza Morta" foi publicado, pela primeira vez, em 15/08/48 (inverno), é bem provável que tenha sido escrito no frio do Outono/Inverno. Pelo menos, é este o clima, a atmosfera que transparece no poema. A figura do corvo, já eternizada em imagem poética por Matsuo Bashō e Edgar Allan Poe, aparece em "Natureza Morta" na forma plural: "Estou com tanto frio, e não tenho ninguém... Nem a presença dos **corvos**."

- 3 - O poeminha (haiku) de Bashō também sugere frio, solidão. Evocação de um quadro, um instantâneo, uma pintura. Um instante captado em imagem, uma superfície lisa. Imagem da imobilidade.

Outono -

Empoleirado num ramo seco  
um corvo<sup>10</sup>

- 4 - Da mesma forma, o poema "O Corvo" de Edgar A. Poe, evoca frio, solidão e parece surgir das profundezas de um tenebroso inverno. Como se pode ver nestes poucos versos:

"Foi uma vez: eu refletia, à meia-noite erma e sombria,"

"Ah! claramente eu o relembro! Era no **gélido dezembro**" (Inverno, no hemisfério norte).

"Depois, silêncio e nada mais."

"Deixa-me **só** neste ermo agreste!"<sup>11</sup>

5 - Ao que parece, a conclusão a tirar de um estudo comparativo dos costumes e crenças de numerosos povos é que o simbolismo do corvo só tomou seu aspecto negativo há pouco tempo e quase que exclusivamente na Europa. Consideram-no, com efeito, nos sonhos, como uma figura de mau agouro, ligada ao temor da desgraça. É a ave negra dos românticos, planando por sobre os campos de batalha a fim de se cevar na carne dos cadáveres. Essa acepção, convém repetir, é moderna e estritamente localizada. Ele seria também um símbolo da solidão. Os alquimistas sempre associaram a fase de putrefação (ver no poema esta imagem: estou espichada na tela como um monte de frutas **apodrecendo**) e a matéria em negro ao corvo.<sup>12</sup>

6 - O poema "Natureza Morta" foi todo escrito na 1ª pessoa do singular. Poesia lírica. Expressão de uma subjetividade, de um sujeito. Escrita do Eu. Mas, quem era este "eu"? Logo, no início, surge a figura de alguma escritora, poeta, intelectual, enfim, alguém que amava os livros: "Os livros são dorsos de estantes distantes quebrados."

Na 1ª estrofe, há a imagem da **ave** espetada na parede. Poderíamos imaginar um **cisne** já incorporado na tradição como metáfora poética ou como símbolo do poeta (Lembrei de "Le Cygne" onde Baudelaire homenageia Victor Hugo e, também, da "Carta de Paris" onde Ana Cristina homenageia Baudelaire. Pensei em Cruz e Souza, poeta, denominado por alguns como o "cisne negro"). Tanto que na 3ª estrofe há a pergunta: "Por que o poeta não morre?"

O que vemos é a imagem do poeta desolada, semelhante à ave espetada na parede.

Chama a atenção e intriga o pseudônimo escolhido por Pagu para publicar este poema: Solange Sohl. Sol + ange (anjo, em francês)<sup>13</sup> + sol; quero dizer, são imagens de luz, de leveza, contrastando com os versos desoladores do poema. Sim, porque o poema dói profundamente, como se a ação de espetar a ave fosse contínua, e atingisse também o leitor. O leitor é espetado, cutucado. A poeta é torturada: "puseram um prego em meu coração para que eu não me mova."

Na 2ª estrofe, vemos o passar do tempo, tudo se movendo (o tempo andando, as casas subindo, os namorados passando...) mas os seus pés (os pés da poeta) não dão mais um passo. Presos na imobilidade. Novamente um contraste de imagens: o mundo se movendo (os verbos no gerúndio, indicando ação contínua) e a paralisação da poeta. A vida passa... e, qual o sentido deste passar ininterrupto? Os fatos da vida, muitas vezes só nos revelam monotonia, parece nos soprar uma voz sufofocada nas entrelinhas.

Na 3ª estrofe, a poeta procura, pergunta. Os versos são indagações sem respostas. Procura acender de novo o cigarro, como se tentasse/procurasse acender a chama da vida. A passagem do tempo traz insatisfações, como o engordar do coração. Avançando em idade se está mais suscetível a doenças. O ser humano declina (em suas forças orgânicas) como as folhas das árvores caem no outono. Insinua-se que, afinal de contas, todo esse processo (a passagem do tempo, da vida...) não deixa de ser monótono como o movimento repetido do mar. A poeta, em seu desejo de romper a regularidade, a monotonia, talvez preferisse que as crianças não crescessem, que o mar cobrisse o telhado das casas.

A quarta e última estrofe acaba em versos de extrema solidão. É interessante pensar que o poema denominado **Natureza** (que é cíclica) **Morta**, foi composto em quatro partes, quatro estrofes. O número quatro representando uma totalidade, circularidade, uma unidade. A divisão em quatro partes de uma mesma unidade/totalidade já é coisa que se inscreveu há muito na tradição: quatro fases da lua (cheia, minguante, nova, crescente), quatro estações (primavera, verão, outono, inverno), quatro ventos principais, quatro pontos cardiais...

Aqui, aparece a imagem da putrefação. Um monte de frutas apodrecendo na tela. Em seguida ao verso: "Enterraria os meus dedos nesse **espaço branco**" pode-se perguntar: seria o vazio? espaço branco da tela? da folha? Talvez, todos esses espaços simultaneamente.

"Vertem os meus olhos uma fumaça salgada", a imagem da fumaça do cigarro mais o sal das lágrimas, lembrou-me de outro verso, de outra poeta: "Eu preciso sair mas volto logo. Um cisco



no olho, um pequeno cisco;"<sup>14</sup>

A imagem da putrefação pode recordar "A Carniça" de Baudelaire (como a imagem dos corvos reportam a Edgar A. Poe), mas no poema francês ocorre a decomposição de um animal e o autor, se projetando no futuro, antevê a decomposição do corpo da mulher amada. Enquanto que, em *Natureza Morta*, é o próprio "Eu" do poema que sofre a decomposição, é a poeta que se sente apodrecer: "Estou espichada na tela como um monte de frutas apodrecendo." Pode-se dizer decomposição do "Eu" lírico.

Extrema solidão, sim! O estado de apodrecimento, de putrefação, normalmente, atrai os corvos, neste contexto, os mesmos seriam figuras sinistras. Mas, a solidão é tão radical, tão absoluta, que nem mesmo pode abrigar a presença destas aves negras.

O refrão "Que monótono o mar" se repete três vezes, ao final da primeira, da segunda e da terceira estrofes. Dando a palavra a um crítico/poeta: "Como é comumente usado, o refrão poético, ou estribilho, não só se limita ao verso lírico, mas depende, para impressionar, da força da **monotonia**, tanto no som, como na idéia. O prazer somente se extrai pelo sentido de identidade, de repetição."<sup>15</sup>

Neste refrão, não apenas se sugere a força da monotonia como está explicitamente escrita a palavra "monótono". Recordamos o movimento regular, repetido do mar. Mas, a monotonia passa do mar para o mundo, contaminando... nas entrelinhas, o poema insinua que a própria vida é monótona.

## V - Poesia e Pintura

Já o nome do poema "*Natureza Morta*", capaz de abrir-se num leque de significados, evoca um determinado tipo de pintura. Os versos aguçam principalmente o sentido da visão. A construção do poema caracteriza-se por ser essencialmente plástica: imagens, imagens, imagens... o olhar (da imaginação) persegue-as, como se estivesse numa exposição de artes visuais. Assim, nos deparamos com vários termos provocadores de tal impressão: *Natureza Morta*, quadro, tela, espaço branco.

## VI - Individual/Universal versus Imagem/Ritmo

Da mais irrestrita individuação, diz Adorno em *Lírica e Sociedade*, a formação lírica tem esperança de extrair o universal. Essa universalidade do conteúdo lírico é essencialmente social. Obras de arte, todavia, têm sua grandeza unicamente em deixarem falar aquilo que a ideologia esconde. Penso que a autora de "Natureza Morta" conseguiu extrair o universal neste processo.

Vemos Imagem/Ritmo (elementos fundamentais da poesia, segundo Octavio Paz) se complementando em harmonia, produzindo bela unidade ao poema.

## VII - Ser ou Não Ser Moderna

Vejo a poesia de Pagu incluída na lírica moderna. Há a perda da transcendência, do sublime. Espécie de salto para o nada. O poema "Nothing"<sup>16</sup> talvez seja um exemplo ainda mais enfático deste inserir-se na modernidade. O olhar volta-se sobre si mesmo. Patrícia Galvão também foi moderna no sentido de exercer as três funções que muitos poetas - da modernidade pra cá - vem exercendo: ser tradutora, crítica e poeta. Ela procurou traduzir - principalmente - obras importantes que permaneciam inéditas no Brasil. Além de exercer a crítica em diferentes jornais e revistas do país.

P.S. "Os versos caem um a um, como lágrimas monótonas"  
(Palavras de Baudelaire sobre "O Corvo" de E.A. Poe)  
Caem bem, me parece, à "Natureza Morta" de Pagu.

Adendo: Três anos depois, novo ensaio de Ana Cristina Cesar, tratando de mulher e literatura "Riocorrente, depois de Eva e Adão" corrige a afirmação anterior: "É curioso que nenhuma mulher tenha produzido poesia modernista..." com uma brevíssima lembrança (Pagu à parte)<sup>17</sup> O ensaio é de 1982, curiosamente o ano em que Augusto de Campos publicou "Pagu Vida-Obra". Seria ele a chamar a atenção de Ana?

## Notas

- <sup>1</sup>Atrás dos Olhos Pardos, Maria Lúcia de B. Camargo, p.351.
- <sup>2</sup>Pagu Vida-Obra, Augusto de Campos, p.15.
- <sup>3</sup>Poema de Pagu, extraído do livro acima citado, p.60.
- <sup>4</sup>Poema de Pagu, idem, p.50.
- <sup>5</sup>Poema de Pagu, idem, p.51.
- <sup>6</sup>Augusto de Campos, Pagu Vida-Obra, p.43.
- <sup>7</sup>Idem, p.44.
- <sup>8</sup>Descrição essencial do Outono inspirada no livro de M. Bashô, O Gosto Solitário do Orvalho, p.45.
- <sup>9</sup>Descrição essencial do Inverno inspirada no mesmo livro, p.55.
- <sup>10</sup>Poema de Bashô (versão de Jorge de Sousa Braga).
- <sup>11</sup>E.A. Poe, versos de "O Corvo" (tradução de Oscar Mendes e Milton Amado).
- <sup>12</sup>Dicionário de Símbolos, p.293/295 (Extração de algumas idéias).
- <sup>13</sup>Outro pseudônimo usado por Pagu foi **Ariel** (também significando um anjo: do ar).
- <sup>14</sup>Ana Cristina Cesar, A Teus Pés, p.119.
- <sup>15</sup>E.A. Poe, p.114 de "Poemas e Ensaios".
- <sup>16</sup>**Nothing**, poema de Pagu, p.258 de "Pagu Vida-Obra".
- <sup>17</sup>(Pagu à parte) p.360 de "Atrás dos Olhos Pardos: uma leitura da poesia de Ana Cristina Cesar".

## Bibliografia

- ADORNO, T.W. **Lírica e Sociedade**. In: Textos Escolhidos. São Paulo, Abril Cultural, 1980.
- BARBOSA, J.A. **Convite à Controvérsia**. Ensaios de Crítica.
- BASHÔ, Matsuo. **O Gosto Solitário do Orvalho Assírio e Alvim**. Lisboa, 1986.

BAUDELAIRE, C. **A Modernidade de Baudelaire.** São Paulo, Paz e Terra, 1988.

BENJAMIN, W. **Magia e Técnica Arte e Política.** São Paulo, Brasiliense, 1985.

\_\_\_\_\_. **Charles Baudelaire, um Lírico no Auge do Capitalismo.** São Paulo, Brasiliense, 1989.

CAMARGO, M.L.B. **Atrás dos Olhos Pardos: uma leitura de poesia de Ana Cristina Cesar.** São Paulo, 1990.

CAMPOS, A. de. **Pagu Vida-Obra.** Brasiliense, 1982.

CESAR, Ana Cristina. **A Teus Pés.** 3.ed. São Paulo, Brasiliense, 1984.

\_\_\_\_\_. **Inéditos e Dispersos.** São Paulo, Brasiliense, 1985.

PAZ, Octavio. **Os Filhos do Barro.** Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira.

POE, E.A. **Poemas e Ensaíos.** Rio de Janeiro, Globo, 1987.

PRADO, Adélia. **Bagagem.** 4.ed. Rio de Janeiro, Guanabara, 1986.

